

QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

Carlos Augusto Brito Oliveira<sup>(\*)</sup>

O livro da escritora Rachel de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, publicado pela primeira vez em 1992, suscita em sua trama narrativa os aspectos progressistas da vivência diferenciada na qual a personagem principal, Maria Moura, toma por desdém seu trágico destino ao confrontar-se em um enredo transitório. Em que temos um tipo de elevação da(o) figura feminina/ser feminino em uma empolgante corrida contra sua condição subserviente como mulher.

Vale ressaltar que a própria concepção da escrita da obra susodita marca a manifestação do olhar feminino sobre a feminilidade, diferente das escolas literárias tradicionais, as quais tracejavam o cerne da visão masculina sobre o feminino. Por muitas vezes silenciando a voz das autorias femininas e permeando os enredos narrativos de um romance masculinizado, autoritário em suas falas ideológicas. Ora ao revelar as facetas da própria sociedade que se mostra pelo olhar do autor, ora ao fortalecer o endurecimento contra a literatura feminina: escrita de mulheres para as mulheres.

Nesse sentido, Rachel de Queiroz traz em sua escrita à condição da mulher livre, daquela sem imposições moralmente aceitas pelo vigor do patriarcado na sociedade brasileira do século XIX. Ao expor em seu pano de fundo a situação da mulher no nordeste brasileiro. A jovem Maria Moura tem seu caso iniciado após a morte da mãe. Órfã, ela é deixada aos cuidados de seu padrasto que, inicialmente, abusa da condição de fragilidade da moça (apenas 17 anos) e a toma como mulher, contudo, a própria Maria revela em um confessionário que algumas atitudes dela em relação ao padrasto foram propositais. No trecho a seguir é possível ler sua fala com o padre.

– Padre, eu me confesso porque pequei... Cometi um grande pecado... O pecado da carne... Com um homem... O meu padrasto! E o pior é que, agora, eu tenho que mandar matar ele...

---

<sup>(\*)</sup> Pós-graduando em Língua Portuguesa: leitura e produção textual pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Email: augusto.oliveira1.7@gmail.com

Pela grade do confessionário dava para enxergar alguma coisa. Ela parecia nova, talvez até bonita. Falava frio, sem raiva descoberta, mas decerto com um ódio muito grande no coração<sup>1</sup>

Para tanto, percebe-se que a maturidade de Maria Moura desabrochou por meio do abuso do padrasto, mas principalmente pela decisão de livrar-se do homem que arruinou sua vida. Ação tal que ceifaria a vida do padrasto em uma tocaia. Ademais, sua expressão rígida revelava ali, naquele espaço da igreja, a ação que mudaria o rumo da sua trajetória de vida. Concretizada sua vingança, posteriormente, a moça é ameaçada por dois primos que desejam sua herança, as terras de sua família na região do Limoeiro.

A partir de uma pequena escaramuça contra seus primos invasores, notadamente percebemos a dura realidade lançada como fardo aos pés da mulher nordestina, pois até mesmo envolver a justiça<sup>2</sup> fez-se para retirar de Maria Moura sua herança, além da tentativa de um casamento forçado com um dos primos. Contudo, a personagem prefere sair das terras do Limoeiro e começar outra vida, com um grupo de capatazes, em outro lugar.

Nesta zona de transição do Limoeiro a outro lugar, Maria Moura<sup>3</sup> assume o caráter de chefe do bando, é ela quem toma as decisões do para onde ir e do onde ficar. Tal característica é explanada por Galvão<sup>4</sup> quando a mulher desempenha “simultaneamente e com grande competência os papéis de chefe do clã, administrador, líder político, esteio da produção econômica”. Isso é revelado por meio da adoção de uma responsabilidade, descrita pela autora, para empoderar a personagem do seu direito sobre a própria sorte, o próprio destino.

Temos, pois, a entrada da personagem em um universo tradicionalmente masculino, de uma visão macro do gênero masculino assentado sobre o querer do grupo, passada para uma mulher. Tal momento da narrativa contrapõe-se, como dito anteriormente, à perspectiva do romance estereotipado da mulher donzela, frágil, sempre pequena em suas expressividades. Rachel de Queiroz fez Maria Moura para ser forte, para ser chefe, determinada. Tirando de sua personagem todo jogo cínico de

---

<sup>1</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010, p. 11

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 44

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 86

<sup>4</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-guerreira – Um estudo de gênero*. São Paulo: Editora SENAC. 1998, p. 33

uma mulher enganadora, sedutora. Estilizada, por vezes incontáveis, pelo cristianismo ocidental e sempre retratado nos arquétipos românticos.

Nesse sentido, é válido ressaltar o estudo ‘ethoico’ de R. Amossy<sup>5</sup> ao tratar sobre o estudo retórico dentro da teoria narrativa. Amossy conduz um estudo sobre a formação do ethos<sup>6</sup> nas expressões internas das narrativas, seja ela ficcional ou seja ela não ficcional. Ela afirma que as ideologias contidas nos discursos que circulam e que promovem a constituição de imagens (ethos) são transcritas por meio de narrações que promovem a propagação de estereótipos para determinados nichos da sociedade.

Sendo assim, o livro de Rachel de Queiroz tem, portanto, o objetivo de atingir o leitor a fim de mudar sua perspectiva a respeito da realização feminina. Nas linhas, nas páginas do livro que se conhece o desdobramento dado à personagem Maria Moura, de uma garotinha retraída e sem expressão a uma mulher forte e combatente. Historicamente, marca, também, a mudança dos paradigmas literários da autoria masculina para a feminina ao mostrar como é importante posicionar a escrita de autoras dentro da literatura nacional, pois a partir de suas narrativas é possível conhecer outros horizontes da vivência da mulher. Não apenas estereotipada ou estilizada por uma cadeia de literatos ortodoxos, mas da aproximação do que realmente é injetado dos discursos sociais reais aos ficcionais a fim de tentar descrever tal período histórico para dar-se a conhecer as mazelas ocorridas de tal contexto.

Texto recebido em: 24/11/2016.

Texto aprovado em: 05/05/2017.

---

<sup>5</sup> AMOSSY, Ruth. (Org). *IMAGENS DE SI NO DISCURSO*: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2014.

<sup>6</sup> Nesse sentido, ethos tem um valor de manifestação cultural. Para Amossy (2014), há uma nova área de estudos que tem sugerido aos pesquisadores uma busca por manifestações do ethos nos discursos que circulam em sociedade. Além disso, a perspectiva de um ethos a partir de uma resolução proveniente da convivência social é estudada por Ekkehard Eggs (2014) em seu artigo publicado também por Ruth Amossy.